



Unidade Demonstrativa do Agronegócio para a Agricultura Familiar

Robério Ferreira dos Santos

Os trabalhos de pesquisa e desenvolvimento - P&D- com a agricultura familiar, inclusive aqueles que incluem ações visando à valorização dos produtos, estudo de mercado e de cadeia produtiva, devem fundamentar-se em princípios metodológicos de natureza participativa e interativa, considerando-se sempre as peculiaridades das regiões onde a pesquisa está sendo realizada. Todas as suas ações devem tomar, como ponto de partida, o universo dos produtores familiares (GUIMARÃES FILHO et al., 1998).

As ações de P&D com agricultores familiares devem ser iniciadas com um diagnóstico dos sistemas de produção e do território local, buscando-se traçar um perfil dos agricultores envolvidos e dos agroecossistemas considerados.

O diagnóstico socioeconômico deve ser realizado em cada comunidade ou grupo de comunidades homogêneas, visando identificar o número de famílias e estabelecimentos por comunidade; a repartição da população por sexo e idade e as atividades econômicas que predominam, os meios de escoamento e as formas de comercialização da produção. O diagnóstico deve ser completado com o levantamento dos preços e custos dos produtos e subprodutos.

Na escala da propriedade, os critérios e indicadores a serem utilizados devem estar relacionados com o tamanho da propriedade e da família; com a atividade agrícola e pecuária desenvolvida e com a renda líquida obtida com as atividades agropecuárias e com outras atividades, no último ano agrícola.

Esses levantamentos devem ser realizados através de entrevistas qualitativas e de questionários cuidadosamente elaborados para obtenção dos dados quantitativos que realmente sejam necessários. Evita-se, assim, desperdício de tempo tanto para o produtor como para o pesquisador. Os resultados deverão, então, ser submetidos às análises quantitativa e qualitativa, consolidados em relatórios e sistematizados, usando-se o modo pedagógico mais adequado, para devolução e validação junto aos produtores.

Uma das variáveis importantes para a escolha da comunidade ou das comunidades com que se trabalhará é, sem dúvida, a existência de organizações de agricultores familiares, que se torna importante porque o trabalho de P&D junto à agricultura familiar não se pode basear em uma família isolada, cuja produção tem, geralmente, sérios problemas de comercialização devido ao seu

¹ Economista, D.Sc da Embrapa Algodão, Rua Osvaldo Cruz, 1143, Centenário, CEP 58.107-720, Campina Grande - Pb. E-mail: roberio@cnpa.embrapa.br;

volume reduzido. Este fato justifica a necessidade da presença de intermediários, que exercem a função de "juntar" os diversos volumes atomizados e de os negociar junto aos mercados atacadista ou varejista. A receita líquida do agricultor familiar é bastante reduzida neste processo. O trabalho de P&D direcionado para este segmento de produtores necessita, pois, considerar não só a escala de produção da comunidade mas, também, a do território que corresponde a determinada cadeia produtiva ou bacia de produção (SILVA et al., 1995; CERDAN et al., 1998). Fica implícito, pois, a necessidade de existência de uma forma de organização dos produtores familiares (cooperativa, associação ou grupo informal).

A pergunta que fica é: qual a abrangência da ação em matéria de apoio à valorização dos produtos? Verifica-se que a maior parte dos trabalhos até hoje realizados com o segmento de produtores familiares limita-se ao elo agrícola da cadeia produtiva dos produtos incluídos na pesquisa e, ainda mais, à porteira da propriedade.

Quando é aceito que se deve trabalhar com uma comunidade ou comunidades homogêneas, surge o problema do volume da produção resultante pois, além de ser bem maior que na escala de uma propriedade, existe a tendência da produção local crescer em função da concentração do apoio técnico e financeiro; existem até riscos de saturação dos mercados locais. De qualquer modo, precisa-se agir na comercialização. Junto com este problema pode-se acrescentar um outro: que tipo de agregação de valor poder-se-ia realizar dentro da comunidade, de modo a aumentar a receita líquida a ser auferida por cada um dos agricultores familiares (CERDAN et al., 1997).

A simples mudança de enfoque do trabalho de P&D do agricultor familiar individual para o da comunidade de agricultores familiares ou, ainda mais, para um grupo de comunidades homogêneas, já muda o raio de ação e os métodos de pesquisa. Não se pode mais trabalhar com uma unidade demonstrativa restrita a um produtor familiar e à porteira da propriedade, ela deve ser muito mais ampla!

Propõe-se, então, a noção de "Unidade Demonstrativa do Agronegócio do Produto", que se constitui em uma unidade de trabalho de P&D com

uma comunidade de agricultores familiares cujas atividades se iniciam com o planejamento da produção no campo e terminam com a comercialização do produto principal, subprodutos e produtos derivados. Ela inclui não só a parte técnica mas, também, a previsão do volume a ser produzido, seguindo-se a decisão sobre a estratégia de valorização e de comercialização (o que deverá ser produzido, como deverá ser produzido e para quem deverão ser comercializados o produto principal, os subprodutos e os produtos derivados).

Após a decisão sobre o que será comercializado (por exemplo, se o caroço do algodão ou a pluma e subprodutos do caroço) e antes de iniciadas as atividades específicas no campo, deverão ser fechadas parcerias com empresas onde serão comprados insumos, onde será realizado o beneficiamento do produto (se for o caso) e onde serão vendidos o produto principal e os subprodutos. Se for o caso, também serão planejadas as atividades de elaboração de produtos agroindustriais caseiros e de sua comercialização. Todas essas atividades deverão ser realizadas com a participação de todos os interessados: membros da equipe técnica da pesquisa, produtores e familiares da comunidade escolhidos para participarem na pesquisa e com o representante da organização dos produtores.

Uma vez realizadas todas as atividades acima mencionadas, deverá ser implantada a atividade de campo, inicialmente em área de um hectare, onde os produtores familiares selecionados serão capacitados, utilizando tecnologia recomendada pela pesquisa nas diferentes fases de preparo do solo, plantio, tratos culturais, colheita e pós-colheita. Na época da colheita deverá ser realizado um dia de campo, com o objetivo de se repassar, para os demais produtores da comunidade, os resultados obtidos e os métodos em uso na Unidade Demonstrativa do Agronegócio do Produto.

Nos segundo e terceiro anos de realização da pesquisa cada produtor capacitado instalará suas unidades demonstrativas do agronegócio, com o objetivo de funcionar como multiplicador dos resultados obtidos, também em áreas de um hectare, seguindo os mesmos passos utilizados no primeiro ano, com acompanhamento da equipe

técnica do trabalho de P&D e dos produtores familiares da comunidade selecionados para serem capacitados (para os segundo e terceiro anos) por cada um deles.

A difusão dos resultados, nos segundo e terceiro anos, deverá ser realizada através de dias de campo participativos e pluri-institucionais, na área selecionada pela equipe técnica da pesquisa, com o objetivo de divulgar os resultados obtidos com os produtores familiares capacitados para os demais produtores das comunidades, funcionando os produtores capacitados como multiplicadores dos resultados. Além da divulgação das tecnologias em uso no agronegócio como um todo, deverão ser divulgados os resultados obtidos com variáveis como acréscimo de valor do produto a nível do produtor rural, acréscimo de renda gerada a nível do agricultor familiar, geração de emprego a nível da comunidade rural e benefícios econômicos, sociais e ambientais trazidos para a comunidade pelo agronegócio. Deverão ser difundidos, também, pontos de estrangulamento e de sucesso que expliquem a sustentabilidade do agronegócio.

No terceiro ano, o levantamento realizado nas comunidades no primeiro ano será replicado, com o intuito de se avaliar os impactos das ações desenvolvidas através das atividades de desenvolvimento, cujos resultados finais serão analisados e divulgados para os produtores familiares, empresários, dirigentes de ONGs e empresas de assistência técnica, pesquisadores e outros, gerando efeito multiplicador em outras comunidades.

Referências Bibliográficas

CERDAN, C.; GUIMARÃES FILHO, C.; SABOURIN, E. (eds.). In: ENCONTRO SOBRE AGROINDÚSTRIA DE PEQUENO PORTE NO NORDESTE, 1., 1997, Petrolina. Anais... Petrolina: EMBRAPA/Cirad, 1997. 153 p.

CERDAN, C.; SILVA, P. C. G. da; DIAS, R. de C.; CARVALHO, O. M. de. O estudo das cadeias produtivas para o desenvolvimento da agricultura familiar. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 3., 1999, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 1998. 15 p.

GUIMARÃES FILHO, C.; SAUTIER, D.; SABOURIN, E. Pesquisa e desenvolvimento: subsídios para o desenvolvimento da agricultura familiar brasileira. Brasília: Embrapa/SPI, 1998. 40 p.

SILVA, P. C. G. da; SAUTIER, D.; SABOURIN, E.; CERDAN, C. Abrindo a porteira: a relação dos sistemas de produção com a comercialização e a transformação, num enfoque de pesquisa desenvolvimento. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 2., 1995, Londrina. Anais... Londrina: IAPAR/SBSP, 1995, p. 204-209.

Comunicado Técnico, 115

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário, CP 174
58107-720 Campina Grande, PB
Fone: (83) 3315 4300 Fax: (83) 3315 4367
e-mail: sac@cnpa.embrapa.br
1ª Edição
Tiragem: 500

Ministério da Agricultura
Pecuária e Abastecimento

Comitê de Publicações

Presidente: Alderí Emídio de Araújo
Secretária Executiva: Nivia Marta Soares Gomes
Membros: Eleusio Curvelo Freire
Francisco de Sousa Ramalho
José da Cunha Medeiros
José Mendes de Araújo
José Wellingthon dos Santos
Lúcia Helena Avelino Araújo
Malaquias da Silva Amorim Neto

Expedientes: Supervisor Editorial: Nivia Marta Soares Gomes
Revisão de Texto: Nisia Luciano Leão
Tratamento das ilustrações: Oriel Santana Barbosa
Editoração Eletrônica: Oriel Santana Barbosa